

A Análise do Discurso e os significantes *ideologia e inconsciente*

Frederico Sidney Guimarães

Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, Rio de Janeiro, Brasil
fredericosidney@gmail.com

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v45i3.643>

Resumo

Este artigo aborda a forma discursiva como os significantes *ideologia e inconsciente* são significados e reterritorializados na Análise do Discurso. O percurso da argumentação aborda os processos de significação desses significantes em conceitos em suas respectivas áreas epistemológicas: a história e a psicanálise. Através desse percurso, especificamos o processo de releitura desses conceitos por alguns dos teóricos da Análise do Discurso. Temos o pressuposto de que, nessa releitura da Análise do Discurso, é possível perceber como, na própria teoria dos efeitos de sentidos no Discurso, as significações de ideologia e inconsciente são mutuamente afetadas.

Palavras-chave: Análise do Discurso; ideologia; inconsciente.

Discourse Analysis and the Signifiers *Ideology and Unconsciousness*

Abstract

This article presents how the signifiers *ideology* and *unconsciousness* are signified and reterritorialized according to in the Discourse Analysis Theory. The signification process of these signifiers are approached as concepts within their respective epistemological areas: History and Psychoanalysis. The argumentation is addressed to the processes of meaning of these signifiers as concepts in two respective epistemological areas: History and Psychoanalysis. The process of rereading these concepts is specified through this reflection according to Discourse Analysis theorists. This study is also based on the assumption that, in rereading Discourse Analysis, it is possible to realize how the signification processes of *ideology* and *unconsciousness* are mutually affected in the theory about the effects of meaning in discourse.

Keywords: Discourse Analysis; ideology; unconsciousness.

Introdução

A discussão sobre efeitos de sentidos de *ideologia e inconsciente* nas teorias do Discurso¹ envolve, no mínimo, duas áreas epistemológicas: a história e a psicanálise. Considerando toda a diversidade possível nas diversas correntes teóricas nas áreas em questão, cabe especificar de qual área esse artigo trata especificamente. Sobre Análise do Discurso, faz-se referência às produções teóricas desenvolvidas inicialmente na

¹ A inicial em maiúscula serve para indicar que se trata de um conceito teórico.

França por Pêcheux (2010[1969]) e Orlandi (1987)² no Brasil. Sobre Psicanálise, faz-se referência aos ensinamentos lacanianos pelas (re)leituras de Pêcheux.

O problema da tentativa de leitura de conceitos entre essas duas áreas é o objetivo de cada uma delas: enquanto uma tenta entender processos coletivos da relação entre sociedade e indivíduo (CARR, 1982)³, a outra trata especificamente do processo singular da constituição das estruturas psíquicas humanas, e, para piorar as leituras mútuas, a segunda desenvolve conceitos cuja funcionalidade costuma ser entendida como refratária à história (DUNKER, 2014)⁴.

Discutir a relação entre história e psicanálise não é o objetivo deste texto; porém essa menção deve ser levada em consideração devido às constantes ressalvas que ocorrem ao se usar o termo *inconsciente* na Análise do Discurso: “[...] a ordem do inconsciente *não* coincide com a da ideologia, o recalque *não* se identifica *nem* com o assujeitamento *nem* com a repressão, *mas* isso não significa que a ideologia deva ser pensada sem referência ao registro inconsciente [...]” (PÊCHEUX, 1995[1975], p. 301, grifo nosso).

As ressalvas, embasadas linguisticamente em negações e adversidades, expõem um complicado dilema teórico nos próprios termos da Análise do Discurso. Trata-se de pensar os deslizamentos pelo *non-sens* (PÊCHEUX, 1995[1975]) fora de uma lógica consciente. Não se trata especificamente de pensar o deslizamento na ordem do sentido, mas de ressaltar o não-sentido, o inesperado. Deslizar não necessariamente leva a um novo sentido, mas marca um furo num sentido já existente, como, por exemplo, falar do inconsciente laciano na teoria do Discurso sem falar exatamente dele.

O deslizamento passa a ser levado em consideração na revisão teórica sobre a noção do assujeitamento pela ideologia, passando a ser compreendido como um “ritual com falhas”. A falha, nesse ponto de crítica, é a abertura do registro da teoria do inconsciente na Análise do Discurso, porém essa inscrição teórica, como será apresentada ao longo do artigo, não é exercida fora das evidências ideológicas teorizadas na própria teoria. As ressalvas nas menções ao inconsciente ratificam a ideia de que o uso conceitual entre essas áreas epistemológicas teria o problema dos “objetos teóricos (serem) irreduzíveis uns aos outros” (BALDINI, 2010) e, portanto, a posição do sujeito (o teórico, fazendo a teoria) se vê num complicado esquema de dialogar, sem dialogar. Usar o conceito, mas dizer que não está usando.

Sem querer eliminar as fronteiras epistemológicas das áreas da história, da psicanálise, e do Discurso, este artigo propõe pensar discursivamente a relação entre *ideologia* e *inconsciente*, por conta exatamente do uso desses conceitos na própria teoria do Discurso. Esse “pensar discursivamente” se torna possível pela característica singular da Análise do Discurso estar em constante releitura de conceitos das três áreas do conhecimento que constituem seus fundamentos teórico e materialista: a linguística com o real da língua, o materialismo histórico com o real da história e a psicanálise com

² Levando em consideração que há várias linhas teóricas com definições específicas sobre discurso e o método de análise, a partir de então o uso do termo “Análise do Discurso” se refere à linha teórica especificada.

³ No sentido de buscar um encadeamento e uma explicação sobre acontecimentos, com peso nas determinações políticas, culturais, sociais ou econômicas.

⁴ No sentido de interpretações algébricas sobre os processos psíquicos e características metafísicas sobre a linguagem, mesmo que de forma contraditória.

o real do inconsciente (PÊCHEUX, 1981[1980]). Dessa forma, não se pretende alterar as configurações conceituais da ideologia e do inconsciente. O que será feito é uma reflexão, através dos paradigmas teóricos do “efeito sujeito” e das “formações ideológicas”⁵ desenvolvidos pela Análise do Discurso, de como ideologia e inconsciente se encontram mutuamente influenciados em seus processos de significação.

Como seria essa visão do “mutuamente influenciados”? Tendo em vista a necessidade de aprofundar o uso de conceitos teóricos, abre-se uma ressalva formal para utilizarmos os conceitos de ideologia e inconsciente como significantes inseridos num processo de significação tanto em suas respectivas áreas de conhecimento quanto na leitura deles pela Análise do Discurso. Para tanto, há o pressuposto de que ideologia e inconsciente são conceitos teóricos. Se eles são teóricos, são ideias. Então, são imaginários que se configuram como “objetos de conhecimento” e não como “objetos reais” (HENRY, 2013[1977]).

Dessa forma, trata-se de esquemas de idealizações sobre “objetos de conhecimento” imaginários sem deixar de passar pelos processos psíquicos de “recalques” e posições *ideológicas*. Esta última sentença é um esboço das problemáticas de misturar tantos conceitos de áreas distintas, mas serve para exemplificar a forma como serão abordados discursivamente tanto o efeito inconsciente no ideológico quanto o efeito ideológico no inconsciente.

Num primeiro momento, abordaremos a inscrição do inconsciente na teoria da Análise do Discurso, sem deixar de estar numa posição ideológica. Em seguida, a atenção é na relação entre a história e o discurso para situar o conceito de ideologia em questão, sem deixar de estar afetada pelo inconsciente. Com isso, teremos um percurso histórico da significação dos significantes *ideologia* e *inconsciente* para a reflexão de como esses significantes estão em mútuo processo de significação nas próprias teorias mencionadas.

A ideologia na leitura do inconsciente

A Análise do Discurso é essencialmente uma teoria que relê conceitos de outras áreas epistemológicas. As bases conceituais para teorização dos principais elementos constitutivos da noção do discursivo são releituras da noção da ideologia pela história, da língua pela linguística, e do inconsciente pela psicanálise. Os principais elementos constituídos pelas releituras para a teorização dos efeitos do sentido no discurso são: o sujeito, que nesse texto são aqueles que teorizam; a coisa a ser significada, nesse caso a ideologia e o inconsciente; e as determinações dessa significação, que seriam os processos discursivos (HENRY, 2013[1977], PÊCHEUX, 2010[1975])⁶.

⁵ Pela proposta do artigo, não será feito um aprofundamento conceitual desses termos. Uma leitura mais específica desses termos é possível nos textos da Análise do Discurso contidos nas referências bibliográficas.

⁶ A coisa a ser significada é o que permite as teorizações sobre a imperfeição da linguagem. O significado da coisa, de alguma forma, seja ela uma mensagem, um pensamento, uma história, dependerá das condições de produção em que o sujeito e a história se inter-relacionam nos processos de determinação.

O sujeito é o item teórico mais complexo desses elementos, pois é a “coisa” capaz de afetar o pensamento sobre ela mesma, no seu próprio efeito de subjetividade⁷. Por conta disso o sujeito pode ser considerado o item central das reflexões sobre a história, a psicanálise e a língua, sendo, ele mesmo, geralmente excluído das reflexões para possibilitar uma demonstração da “objetividade” dos argumentos e a maior clareza para a imaginação de um real. A questão, exposta por Pêcheux (1995[1975]), é que esse “sujeito”, recalcado⁸ para dar objetividade nos argumentos sobre uma coisa, “retorna” para fragilizar as certezas desse imaginário supostamente objetivo. Ao tratar sobre contradição do sistema da língua e a fala do sujeito-falante, encontramos a seguinte citação: “a Linguística (saussuriana) está, em seu limite, condenada a retornar para alguém do corte que a inaugura, por um tipo de ‘obstinação do recalcado’” (PÊCHEUX, 1995[1975], p. 245).

A centralidade dada para o “item sujeito” nesse início do texto é para ajudar na compreensão de como a história e a psicanálise se inscreveram na Análise do Discurso, pois são áreas epistemológicas que buscam definir o sujeito dentro de suas respectivas especificidades (coletivamente integrado no social, individualmente constituído por algo além de sua consciência). No começo da década de 1970, contexto inicial do desenvolvimento da Análise do Discurso, a teoria da história já possuía parâmetros teóricos elaborados por diversas releituras filosóficas⁹ sobre o que seria esse “sujeito”. Henry (2010[1969]) demonstra que, dessas releituras filosóficas sobre o Sujeito, as concepções de Althusser foram as mais enfáticas influências em Pêcheux nos primeiros momentos de suas formulações teóricas.

Entendemos, com isso, que a inscrição da ideologia¹⁰ na Análise do Discurso criou as primeiras evidências conceituais da própria teoria do Discurso, constituindo os conceitos de “efeito sujeito”, “formações imaginárias” e “formações discursivas”. Da evidência para a crítica dentro da própria teoria, ocorre a inscrição cada vez maior das bases conceituais do inconsciente para contribuir com as releituras dos próprios conceitos da Análise do Discurso: “o que faltava no texto de 1969 era precisamente uma teoria desse *imaginário* localizada em relação ao *real*” (PÊCHEUX; FUCHS, 2010[1975], p. 171, grifo nosso).

Os grifos dessa última citação se referem a fundamentos conceituais da psicanálise lacaniana. O curioso é a forma “evidente” da menção deles no texto, pois não se faz referências bibliográficas, nem notas. Poderíamos pensar não se tratar exatamente das teorizações da psicanálise, sendo o “imaginário” ou o “real” palavras quaisquer paradigmaticamente selecionadas em sua evidência significativa para constituir uma sentença. Porém, pelo caminho teórico próprio da Análise do Discurso, é possível arriscar dizer que já nessa citação há uma influência direta dos ensinamentos de Lacan.

⁷ Subjetividade, na teoria da Análise do Discurso, são as condições de constituição desse sujeito. Então o sujeito, ao se fazer sujeito, é afetado pelo próprio efeito da subjetividade.

⁸ Enfatizamos que “recalque” é um conceito muito usado pela teoria psicanalítica, e não é aprofundado nem bibliograficamente, nem teoricamente nas citações de Pêcheux. Ou seja, ele é usado em sua “evidência”.

⁹ Releituras do idealismo e do materialismo na teoria da história.

¹⁰ Pelas releituras de Althusser.

Entendemos que de 1969 para 1975 foi o tempo suficiente para que as releituras conceituais da Análise do Discurso ganhassem cada vez mais a inscrição das teorias da psicanálise. Para exemplificar essa nossa última afirmação, notemos como a teoria dos “esquecimentos”, já numa releitura dos processos de assujeitamento inicialmente inscritos na Análise do Discurso pelas releituras dos textos de Althusser, é formulada: “é o processo de *interpelação-assujeitamento* do sujeito, que se refere ao que *J. Lacan* designa metaforicamente pelo ‘*Outro*’ com *O maiúsculo* [...]” (PÊCHEUX; FUCHS, 2010[1975], p. 177, grifo nosso). Se antes poderíamos ter dúvida se as referências eram à teoria lacaniana, agora não mais.

Entre a história e a psicanálise, entre o discurso e a linguagem, a Análise do Discurso possui a característica peculiar de sempre estar no processo de leitura de conceitos de outras áreas de conhecimento e, ao mesmo tempo, de releitura dessas mesmas leituras. Henry (2010[1969]) denomina essas inscrições conceituais de “entremeio”, ao tratar especificamente sobre a releitura de Pêcheux acerca dos textos de Althusser que tratam do conceito de ideologia. Mariani (1996) enfatiza mais ainda essa característica da Análise do Discurso denominando “reterritorialização” a inscrição desses conceitos, contribuindo com o nosso entendimento de que: se a Análise do Discurso seria uma disciplina do “entremeio”, os conceitos dela são “reterritorializados”, ou seja, estrangeiros estabelecendo bases em “novas pátrias”.

Não se nega o mesmo processo de releituras nas áreas da história e da psicanálise, pois os próprios termos *inconsciente* e *ideologia* não foram inicialmente formados nessas disciplinas, e, de alguma forma, foram também “reterritorializados”. A peculiaridade da Análise do Discurso é exatamente nomear esse processo de releitura, não querendo assumir para si a propriedade conceitual desses conceitos como ocorre, mais especificamente, conforme demonstrado na introdução deste artigo (PÊCHEUX, 1995[1975]) com o caso do inconsciente.

A inscrição do inconsciente na Análise do Discurso ocorre, portanto, através dessa forma discursiva permeada de ressalvas. Essa inscrição ocorre num próprio processo “discursivo” de significação por reterritorialização, mas recalcando a assunção da propriedade conceitual nas devidas ressalvas teóricas que induzem o dito a ser entendido como não dito. Dessa forma, ressaltamos uma autoafetação teórica desse processo de discursivização em que o inconsciente é ideologicamente inscrito na teoria, tendo em vista que o discurso é, através da língua, aquilo que permite a materialização dos efeitos ideológicos (PÊCHEUX, 2010[1975]).

Essa marca ideológica pode ser entendida no percurso da *posição sujeito* em que se encontravam Lacan e Pêcheux em relação à filosofia idealista. Refletiremos primeiro sobre a teorização de Lacan para depois refletirmos sobre como Pêcheux insere o inconsciente na Análise do Discurso.

O que seria, então, o inconsciente? Seria possível fazer uma abordagem histórica desse termo através das influências filosóficas em Freud e Lacan¹¹, mas, pela proposta deste artigo tratar da discursivização do inconsciente na teoria da Análise do Discurso e sua afetação ideológica, nosso foco se concentra na conceituação elaborada pelo próprio Lacan.

¹¹ Uma sugestão de próximas leituras.

As propostas das teorias lacanianas servem para analisar casos clínicos de sintomas psíquicos. Por conta disso não há propósito de se fechar teorias com conceitos universais e cristalizados. Lacan (1988a[1966]), se não define diretamente o que é o inconsciente, permite dizer o que ele não é. O inconsciente, para Lacan, não se refere àquilo que não é pensado, ao instinto animal, a uma latência coletiva. O inconsciente é uma forma de se referir ao não consciente, se deixando perceber através das passagens tomadas por falhas ou por equívocos (FEU, 2008). A dicotomia inconsciente *versus* consciente é a marca ideológica de Lacan nas suas elaborações conceituais, pois se o *inconsciente* é o conceito chave da psicanálise laciana, a *consciência* é o conceito chave da fenomenologia filosófica com a qual o próprio Lacan se diz incomodado (LACAN, 1998a[1966]).

Essa posição de Lacan em relação à filosofia contribui para o nosso entendimento de como foi feita a releitura de Freud por Lacan e a sua forma de trabalhar com o conceito do inconsciente. Há uma crítica ao propósito da filosofia tratar da consciência, das certezas e das universalidades conceituais. Dessa forma, o inconsciente laciano é bem específico das referências de Freud sobre o equívoco (a falha), ou mais especificamente: “[...] o inconsciente freudiano, é nesse ponto que eu tento fazer vocês visarem por aproximação que ele se situa nesse ponto em que, entre a causa e o que ela afeta, há sempre *claudicação*¹² [...]”. (LACAN, 1988a[1964], p. 27, grifo nosso).

A falha se demonstra como o fundamento do inconsciente laciano e é exatamente esse fundamento que permite a inscrição do inconsciente na Análise do Discurso. Pêcheux, nas suas releituras conceituais, busca a “falha da teoria” – os processos de assujeitamento ideológico – na falha pelo efeito inconsciente. Essa junção teórica da falha tanto em Pêcheux como em Lacan se justifica pela peculiaridade do trato da noção do “Discurso” em cada um deles. Se, para Lacan, é possível fazer análise para perceber o inconsciente pela significação através de estruturas psíquicas ditas por um “sujeito” em seu divã, para Pêcheux, é pelo discurso que as lutas por sentidos afetados pela ideologia são materializadas na língua. Um usa a falha para perceber o inconsciente, o outro usa a falha para dar conta da própria falha na teoria. Ambos possuem suas respectivas “posições sujeitos”, seja um em sua construção analítica do psíquico humano contra os fenômenos filosóficos, seja o outro na crítica das evidências¹³ dos sujeitos pelos processos discursivos.

Para seguirmos para a próxima parte, propomos abordar a conceituação sobre o “significante” na teoria psicanalítica. O significante, em Lacan (1988b[1966]), não está vinculado a um significado. Há, portanto, uma teorização de que o sentido não preexiste e se ligaria ao significante. Nas teorizações de Lacan: “o significante, por sua natureza, sempre se antecipa ao sentido” (LACAN, 1988b[1966], p. 502). O sentido, na psicanálise, ocorre através de uma insistência, por algo inconsciente, por uma afetação de um Outro para dar a base de um imaginário para a significação. O sentido não é propriedade do sujeito que fala e faz parte da constituição desse mesmo sujeito no discurso, afetado pelo inconsciente.

¹² Uma tradução do francês *clocherie*, que no português brasileiro indica o sentido de mancar (*fait de boiter*). A ideia de mancar contempla semanticamente as abordagens acerca da abertura do inconsciente pelo ato falho, *witz*. Claudicar e mancar estão ligados semanticamente a uma referência ao imperador Cláudio de Roma, que mancava.

¹³ Porém a crítica não deixa de ser imperita e a evidência ideológica é a sua própria armadilha.

Donde se pode dizer que é na cadeia do significante que o sentido insiste, mas que nenhum dos elementos da cadeia consiste na significação de que ele é capaz, nesse mesmo momento. Impõe-se, portanto, a noção de um deslizamento *incessante* do significado sob o significante. (LACAN, 1988b[1966], p. 506, grifo nosso)

O problema é que essa afetação do significante na constituição do sujeito ocorre pelo simbólico próprio da linguagem. Então, se esse texto já está na linguagem, significa que já estamos inscritos no simbólico e, portanto, os significantes estão significados. Por outro lado, é possível pensar nesses “significantes” significados pela teoria lacaniana como não tendo significados para melhor compreendemos a relação entre a ideologia e o inconsciente. Essa proposta de pensar o “significante” através de um sentido que “insiste” em termos psicanalíticos contribui para a presente argumentação sobre a afetação mútua entre ideologia e inconsciente, percebendo esses termos como significantes que podem ser “recalcados” e “retornam” para insistir nos seus significados.

Se, nesse primeiro momento, nos concentramos em perceber o inconsciente afetado ideologicamente, na segunda parte, nosso foco será na afetação do inconsciente na ideologia. Para tanto, será necessário pensar nos termos *ideias*, *idealismo* e *ideologia* como significantes em constante processo de significação por conta dos efeitos de sentido no discurso (PÊCHEUX, 2010[1969]).

O inconsciente na leitura da ideologia

Se a leitura do inconsciente é afetada pela posição ideológica, a significação da ideologia não deixa de ser afetada pelo efeito do inconsciente. Para argumentarmos sobre isso, nos pautamos na reflexão entre dois pilares filosóficos – o idealismo e o materialismo –, e em como esses pilares são inseridos na discussão da possível relação entre os significantes ideologia e inconsciente na leitura da teoria da Análise do Discurso de Pêcheux. De alguma forma, procuraremos demonstrar como o *idealismo* passa por recalques por conta das posições ideológicas, mas retorna pela insistência de um sentido.

Como aporte teórico, entendemos esses dois pilares filosóficos como dialéticos para refletirmos sobre a influência do conceito althusseriano de ideologia e do conceito lacaniano de inconsciente na teoria da Análise do Discurso em questão. Propomos pensar, inicialmente, esses dois conceitos como “significantes” em constante processo de significação, de acordo tanto com a teoria lacaniana da separação entre significante e significado, quanto com a teoria de Pêcheux dos “efeitos de sentido”, como demonstrados no final da segunda parte deste artigo. É uma reflexão sobre como os processos ideológicos e os efeitos do inconsciente atuam na forma como teóricos são “interpelados” por esses conceitos e “capturados” por esses significantes.

Estamos, através das leituras conceituais da Análise do Discurso, discursivizando sobre o desenvolvimento teórico das próprias teorias da ideologia e do inconsciente. Ou seja: refletimos sobre as “condições de produção” desses conceitos teóricos. Trata-se, aqui, da ideologia no processo das disputas por sentidos.

Se pensarmos no conceito da ideologia, sua disputa por sentido se inicia no século XIX, no contexto do surgimento das ciências sociais e no desenvolvimento das críticas ao sistema econômico capitalista pelas teorias Marxistas. Inicialmente, tratava-

se de um significante para designar teóricos que queriam estudar a gênese das ideias (CHAUÍ, 2004[1980]). Por conta disso, temos diretamente a associação entre os significantes *ideologia* e *ideia*. A dicotomia entre ideia e matéria estava presente nesse primeiro momento, e os primeiros ideólogos se posicionavam numa postura antimetafísica (CHAUÍ, 2004[1980]), ou seja, estavam preocupados com as sensações reais e como elas influenciavam as ideias. Por isso a necessidade de um “estudo” das ideias através de dados “empíricos” (materiais). Essa observação é importante para a análise da discursividade pelas posições sujeito na leitura desses termos, pois há uma inversão da *ideia* sobre os *ideólogos* em relação ao *idealismo*.

Nesse ponto, entende-se ideia como algo teorizado em relação ao pensamento. Se, para o idealismo, o real são as próprias ideias, para o materialismo as ideias são afetadas por coisas materiais, deslocando o real para sua relação com a materialidade. Para exemplificar esse dilema entre posicionamentos idealista e materialista, tomemos o exemplo da teoria marxista devido à sua importância para a significação do conceito de ideologia na Análise do Discurso. O debate entre idealismo e materialismo é exposto diretamente por Marx:

[...] meu método dialético não só difere do hegeliano, mas é também a sua antítese direta. Para Hegel, o processo de pensamento, que ele, sob o nome de ideia, transforma num sujeito autônomo, é o demiurgo (criador) do real, real que constitui apenas a sua manifestação externa. Para mim, pelo contrário, o ideal não é nada mais que o material, transposto e traduzido na cabeça do homem. (MARX, 1996[1875], p. 140).

Nessa citação, Marx, filósofo materialista, se refere a Hegel, um filósofo idealista. Ao longo de suas teorizações, Marx vai se preocupar com o uso de *ideias* que serviriam para mascarar as relações sociais, ou seja, as ideias para criar uma ilusão. O uso de ideias para dificultar a compreensão de um real (material) será a base daquilo que será denominado de ideologia nas teorias de Marx (LOWY, 1985).

O interessante nesse jogo de significantes é que essa crítica sobre o uso de ideias para criar uma ilusão da realidade é feita no livro “A ideologia Alemã” (MARX; ENGELS, 2001[1846]). Marx, então, associa os significantes *ideologia* e *idealismo*. Ao diferenciar o real da ilusão desse real, Marx não considera *ideologia* uma *ideia*, já que as ideias seriam a consciência sem os efeitos da ideologia e compreendida pela percepção das relações materiais da sociedade.

Marx, então, coloca a *ideologia* como uma atividade *idealista*, invertendo a posição dos primeiros ideólogos que se diziam exatamente contrários às concepções metafísicas (CHAUÍ, 2004[1980]). Isso, pelos termos da Análise do Discurso, é a posição ideológica de Marx para fazer a leitura do que ele considera ser ideologia.

Devemos levar em consideração que o desenvolvimento das teorias marxistas como críticas ao sistema capitalista tinha como um dos pressupostos a posição crítica contra a visão filosófica do idealismo. Dessa forma, podemos agora retomar a reflexão sobre as posições ideológicas dos teóricos de ideologia e de inconsciente. Marx e Lacan tinham posturas contrárias ao pensamento filosófico idealista. É nesse ponto que o inconsciente e a ideologia se conjugam, pois, em ambas as teorias, o *idealismo* passa por um “recalcamento” que retorna pela insistência do sentido. Nega-se o ideal fazendo um outro ideal, *inconscientemente*.

O materialismo é uma postura teórica contra o idealismo. No jogo dos significantes, a ideia do materialismo surge pela oposição à ideia idealista. Na ideia materialista, o conhecimento é percebido pela percepção de relações reais, em atuações sistemáticas que realizam práticas sociais. Sem ser só ideal, o conhecimento é prático; portanto constitui-se um paradoxo rejeitar uma ideia do pensamento originário nas(das) idealizações para criar a idealização de uma prática!

Assim, associamos a posição ideológica de Marx e de Lacan contrária ao idealismo, mas marcados *inconscientemente* pelo retorno do sentido *ideal*. O desenvolvimento conceitual da Análise do Discurso não deixa de criar “objetos de conhecimento” (HENRY, 2013[1977]), portanto idealizações. Assim como o *inconsciente* lacaniano, por mais analítica que seja a prática psicanalista, não deixa de ser uma significação teórica, imaginária em seus próprios termos.

Compreendemos, dessa forma, como o idealismo da filosofia de Hegel, tão criticado ao longo dos séculos XIX e XX, produziu um efeito de sentido inesperado e equivocante ao longo das construções conceituais em torno da consciência. O equívoco, nesse caso, não se trata de erro nas teorias, mas se refere ao sujeito que se equivoca em suas próprias posições, possibilitando as ressignificações. Nessa filosofia idealista, a consciência de si é o desejo que moveria a razão. Hegel (1992[1807]) estipula esse processo desejoso como constituído por um objeto dividido, aquele que é pensado e o que é em si mesmo. Quando pensado, se configura num Outro¹⁴, mas em referência a ele mesmo. O desejo da consciência anularia esse Outro, num processo de recalçamento¹⁵ idealista desse Outro para efetivar a certeza de si mesmo. “[...] reconhecer-se a si mesmo no absoluto ser outro” (HEGEL, 1992[1807], p. 34).

Esse idealismo, assumindo agora uma brincadeira com significantes da teoria psicanalítica freudiana e lacaniana, foi “traumático”. Esse trauma produziu os sintomas ideológicos nas ideias sobre o pensamento. Interessante que essa forma de se referir aos conceitos da psicanálise está no próprio Pêcheux (1995[1975]), ao tratar da “obstinação do recalçado”. O “recalçado”, nesse caso, seriam as questões históricas, semânticas e dos sujeitos falantes. Essas questões foram “recalcadas” no processo “desejoso” de construção de sentidos.

Essa consciência do desejo idealista transpassa para o desejo do sujeito pragmático de sempre buscar sentido (PÊCHEUX, 1990). Assim, os desejos nas teorias filosóficas, seja idealista, seja materialista/discursiva, permitem releituras e ressignificações no próprio paradoxo do recalçamento do ideal na idealização da matéria.

As passagens dos sentidos são possíveis de serem interpretadas pela própria idealização conceitual da Análise do Discurso. Ao “reterritorializar” conceitos, a teoria do Discurso de Pêcheux trabalha no próprio paradoxo da idealização para aprofundar as críticas conceituais idealistas e permitir maior compreensão sobre as disputas por sentidos na materialidade das relações sociais.

Desta forma o próprio conceito de ideologia é “reterritorializado”, pois, apesar de se tratar inicialmente das leituras de Althusser sobre a ideologia de Marx, a Análise

¹⁴ Termo hegeliano.

¹⁵ Em termos hegelianos, não lacanianos. Recalque, nesse caso, é a anulação do Outro de si mesmo.

do Discurso não considera a ideologia como máscara da realidade. A evidência já é uma realidade em si, a ser entendida com base em cada posição de leitura do sujeito. A ideologia, nesse caso, é um efeito inerente ao processo discursivo. Pelas formações ideológicas nas devidas posições do sujeito, criam-se as imaginárias evidências dos sentidos (PÊCHEUX, 1995[1975]).

Pêcheux (1995[1975]), nos seus envolvimento com o Partido Comunista, Discursos Políticos, e leituras psicanalíticas, traz uma visão epistemológica interessante. Ao retirar a “língua” da topologia estrutural marxista considerada como “superestrutura”, Pêcheux entende a língua como uma disputa “materialista”, ou seja, como algo que está nas condições de produções de sentido num processo dialético, de confronto. Ao seguirmos esse pensamento, o significante ideologia também pode ser entendido como processo em disputa, nas clássicas concepções opositoras entre “dominantes” e “dominados”, e suscetível à insistência de sentidos pelo inconsciente.

Dessa forma, compreendemos como a leitura da ideologia se afeta por aspectos do inconsciente e pelos seus próprios efeitos ideológicos. Esse entendimento é possível de ser levado em consideração tendo em mente os conceitos da Análise do Discurso de assujeitamento, formações ideológicas e suas respectivas falhas.

Uma proposta de encerramento

Através da proposta de pensar os significantes *ideologia* e *inconsciente* afetados pelos processos discursivos na teoria da Análise do Discurso, refletimos como os conceitos são ressignificados pelas releituras em áreas de conhecimentos divergentes em suas propostas teóricas: a história e a psicanálise.

A abordagem sobre a discursividade da ideologia e do inconsciente na teoria do discurso não propôs eliminar as fronteiras epistemológicas dessas áreas, mas especificamos como tais conceitos são reterritorializados (MARIANI, 1996) numa ação característica do próprio desenvolvimento da Análise do Discurso. Nesse caso, não devemos deixar de levar em consideração que esses próprios conceitos são historicamente discursivizados e estão em disputas nas próprias áreas do conhecimento. Ou seja, o conceito de ideologia não é consensual na história, assim como o conceito de inconsciente não é estático, e muito menos definido na própria teorização lacaniana.

Tendo em mente os deslocamentos próprios do efeito do discurso em tais conceitos e a assumida posição de releitura conceitual na Análise do Discurso, foi possível compreender como ideologia e inconsciente estão mutuamente vinculados nos próprios parâmetros epistemológicos desenvolvidos pela Análise do Discurso. Ou seja, os significantes ideologia e inconsciente passam por afetações das “formações ideológicas” nas devidas “posições sujeitos” dos teóricos que os significam.

No jogo de significantes, foi possível perceber o desenvolvimento do conceito de ideologia em seus recalques idealistas nas teorizações que passam de Marx e chegam a Pêcheux. Por outro lado, o inconsciente, se afetado ideologicamente nas devidas posições dos sujeitos que o significam, é ele mesmo recalado e denegado na teoria da Análise do Discurso.

Sobre esse aspecto da denegação do uso do significante inconsciente na teoria do discurso, uma breve comparação com o uso do significante ideologia demonstra um

posicionamento interessante. Nos termos da reterritorialização (MARIANI, 1996), o significante ideologia é assumidamente mais teorizado e abertamente colocado em confronto com seus outros significados teóricos desenvolvidos pelas leituras de Marx e pelas próprias releituras de Marx feitas por Althusser.

Ideologia, na Análise do Discurso, é um conceito marcado por suas especificidades teóricas dentro da própria área do conhecimento do discurso. Por outro lado, mesmo 40 anos depois do reconhecimento de Pêcheux de que faltava a teoria do “imaginário” na Análise do Discurso (PÊCHEUX; FUCHS, 2010[1975], p. 171), ainda é possível encontrar resistência (inconsciente!) no desenvolvimento da teorização sobre o significante inconsciente nas áreas da Análise do Discurso. Como demonstrativo, retomamos a própria teorização da noção de “reterritorialização”: “a AD provoca uma permanente *reterritorialização* de conceitos ligados às teorias da linguagem e da ideologia” (MARIANI, 1996, p. 22, grifo nosso). Onde está o inconsciente?

Se a língua é reterritorializada no deslocamento de suas funções de comunicação e a ideologia se reterritorializa no deslocamento de suas funções ilusórias, também podemos entender um processo de reterritorialização do inconsciente, não mais restrito em suas formações pelo lapso de um sujeito representado por cadeias de significantes, mas um conceito capaz de contribuir com os efeitos de sentidos do discurso tanto nas disputas por significações, como também nas respectivas falhas dos rituais de assujeitamento.

Terminamos, portanto, com uma simples proposta para o trato do significante inconsciente, não mais tão respeitado e intocado na suposta posse dele na área psicanalítica. Como nos colocamos aqui como analistas do discurso e não como psicanalistas, a proposta é deixar de recalcar a insistência do sentido do idealismo e do inconsciente na compreensão dos aspectos dos processos discursivos. Em termos teóricos, é deixar aflorar o desejo da consciência hegeliana (HEGEL, 1992[1807]), transpassada pelo sujeito pragmático na busca por seus sentidos (PÊCHEUX, 1990), mas afetado pelo desejo Outro da psicanálise lacaniana (LACAN, 2008[1956]).

REFERÊNCIAS

- BALDINI, L. J. S. Ideologia e Fantasia. In: *SEMINÁRIO DO GEL*, 58. 2010, São Carlos (SP). Disponível em <<http://d1m.fflch.usp.br/sites/d1m.fflch.usp.br/files/Lauro%20Baldini.pdf>> Acesso em: 19 abr. 2016.
- CARR, E. H. *O que é história*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982. 189 p.
- CHAUÍ, M. *O que é ideologia*. Sabotagem.cjb.net: [s. l.], 2004[1980]. 47 p.
- DUNKER, C. I. L. Lacan e a Análise do Discurso. In: BALDINI, L. S.; SOUSA, L. M. A. *Discurso e Sujeito: trama de significantes*. São Carlos: EdUFSCar, 2014. p. 143-182.
- FEU, F. *Sujeito no Discurso: Pêcheux e Lacan*. 2008. 266 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- HEGEL, G. W. F. *A fenomenologia do espírito*. Vozes: Petrópolis, 1992[1807]. 271 p.

HENRY, P. Fundamentos teóricos da “análise automática do discurso”. In: GADET, F.; HAK, T. *Por uma Análise Automática do Discurso*. Tradução de Eni Pulcinelli Orlandi. 4. ed. Campinas: Editora UNICAMP, 2010[1969]. p. 13-38.

_____. *A ferramenta imperfeita: língua, sujeito e discurso*. Campinas: Editora UNICAMP, 2013[1977]. 231 p.

LACAN, J. Função e campo da fala e da linguagem na Psicanálise. In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998a[1966]. p. 238-324.

_____. Instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998b[1966]. p. 496-538.

_____. *Seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1988 [1964]. 271 p.

_____. *Meu ensino*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006[2005]. 126 p.

_____. *O seminário, livro 3: As psicoses*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008[1956]. 380 p.

LOWY, M. *Ideologia e ciência social*. São Paulo: Cortez, 1985. 112 p.

MARIANI, B. S. C. *O comunismo imaginário: práticas discursivas da imprensa sobre o PCB (1922-1989)*. 1996. 256 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

MARX, K.; ENGELS, F. *A ideologia alemã*. São Paulo: Martins Fontes, 2001[1846]. 119 p.

MARX, K. Posfácio da Segunda Edição. In: O Capital: Crítica da economia política. V. 1 – O processo de produção do capital. In: *Os Economistas*. São Paulo: Nova Cultural, 1996[1875]. p. 133-141.

ORLANDI, E. *Linguagem e seu funcionamento*. As formas do discurso. Campinas: Pontes, 1987. 237 p.

PÊCHEUX, M.; FUCHS, C. A propósito da Análise Automática do Discurso: atualização e perspectivas. In: GADET, F.; HAK, T. *Por uma Análise Automática do Discurso*. Tradução de Eni Pulcinelli Orlandi. 4. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2010[1975]. p. 163-252.

PÊCHEUX, M. *Matérialités discursives*. Lille: Presses Universitaires, 1981[1980]. 210 p.

_____. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1995[1975]. 317 p.

_____. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Campinas: Pontes, 1990. 68 p.

_____. Análise Automática do Discurso. In: GADET, F.; HAK, T. *Por uma Análise Automática do Discurso*. Tradução de Eni Pulcinelli Orlandi. 4. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2010[1969]. p. 61-162.

_____. Ousar pensar, ousar se revoltar: Ideologia, marxismo e luta de classes. In: *Décalages*. v. 1. 2015[1984]. Disponível em: <<http://scholar.oxy.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1072&context=decalages>> Acesso em: 19 abr. 2016.

Recebido em: 19/09/2015

Aprovado em: 20/04/2016